

## **ESCOLA E SOCIEDADE: desafios à inclusão das classes marginalizadas**

**Josirene C. BARBOSA<sup>1</sup>; Sylvia S. NUNES<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Por entender que a escola reproduz as práticas excludentes da sociedade capitalista, faz-se necessário pensar qual tem sido o seu papel na dinâmica social, sobretudo para as classes menos favorecidas. A pesquisa pretende analisar qual o papel da escola – incluir ou excluir as classes marginalizadas? Para isso, serão analisadas as falas de jovens usuários do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), que não concluíram o ensino fundamental e hoje se encontram em situação de vulnerabilidade social. O estudo visa também conhecer as causas da evasão e os obstáculos à aprendizagem desses sujeitos, além de compreender suas trajetórias de vida e de trabalho e a relação destas variáveis com a baixa escolaridade. A metodologia utilizada será a pesquisa etnográfica e a pesquisa bibliográfica. O referencial teórico refere-se à Psicologia Escolar e Educacional e às Ciências Sociais, numa abordagem interdisciplinar. Apesar de estar em andamento, este estudo possibilita alguns apontamentos sobre o papel da escola para as camadas mais empobrecidas da sociedade, revelando que estas classes vêm sofrendo processos de exclusões sutis em seu processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação; Psicologia Escolar e Educacional; Vulnerabilidade Social; Inclusão/Exclusão Social.

### **INTRODUÇÃO**

O interesse pelo tema desta pesquisa surge da atuação da primeira autora no âmbito da psicologia escolar, numa tentativa de romper com a perspectiva das dificuldades de aprendizagem centradas exclusivamente no aluno e em suas famílias e de trazer à tona as dificuldades da escola em incluir todos os alunos.

Desde sua constituição, a Psicologia teve por base a “(...) crença liberal de que a sociedade de classes seria justa se cada um ocupasse o devido lugar, em função de suas capacidades pessoais” (PATTO, 1995, p. 8). Essa crença estendeu-

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Itajubá/MG, email: [josirene.barbosa@ifsuldeminas.edu.br](mailto:josirene.barbosa@ifsuldeminas.edu.br);

<sup>2</sup> Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Itajubá/MG, email: [sylviasnunes@yahoo.com.br](mailto:sylviasnunes@yahoo.com.br).

se à escola, sendo a Psicologia sua fiel reproduzora. Sua função passou a ser a de identificar e classificar os mais aptos e os menos aptos à escolarização, contribuindo para a manutenção da ordem social injusta que vigorava no país.

A partir da década de 1970, começam a circular no Brasil as teorias crítico-reprodutivistas. Autores como Althusser e Bourdieu, empenharam-se em mostrar o papel ideológico e excludente da escola. A partir daí, novos movimentos vão surgindo no cenário da Psicologia Educacional e o trabalho do psicólogo escolar/educacional passa a girar em torno de um compromisso social com a pessoa e com seu processo de escolarização. A instituição e as relações sociais passam a ser o foco da análise, e não mais apenas o aluno.

Essa nova visão nos permite pensar a escola sob uma nova ótica: a escola é instrumento da inclusão ou da exclusão social? Será a escola o lugar por excelência da possibilidade do exercício da aprendizagem e, conseqüentemente, da cidadania, ou não passa de mera reproduzora das práticas discriminatórias presentes na sociedade capitalista? Ou será que a escola comporta esses dois extremos? O que os usuários do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) pensam a respeito? Será que os usuários do CRAS são justamente os que viveram o lado excludente da escola?

Essas questões remetem a outras não menos importantes: como fazer da escola um instrumento de transformação social, de formação humana, um lugar de fato inclusivo? Não há respostas simples para esses questionamentos, sendo necessária a análise de algumas questões que vêm deixando marcas no cenário escolar brasileiro, entre elas, a repetência e a evasão, sobretudo de crianças e adolescentes pobres.

Segundo Machado e Proença (2004), em geral, as crianças consideradas como um “problema” na escola e encaminhadas para os psicólogos, são oriundas das escolas públicas e fazem parte das camadas mais pobres da população. A partir da década de 1980, várias pesquisas nas áreas da Psicologia Escolar (PATTO, 1984, 2002), da Psicologia Social (LESER e FREIRE, 1986), da Linguística (CAGLIARI, 1985; SOARES, 1986), da Medicina (MOYSÉS e LIMA, 1982) e da Pedagogia (COLLARES, 1989), passaram a investigar a relação fracasso escolar e pobreza, questionando a concepção que culpabiliza o aluno pelo fracasso escolar, refletindo sobre aspectos até então não valorizados, como a má qualidade do ensino

e as práticas escolares discriminatórias e cristalizadoras a respeito da criança pobre (MACHADO; PROENÇA, 2004).

Segundo Proença (2004), o fracasso da educação escolar no Brasil é um fato inquestionável. Apesar de avanços observados no aumento do número de vagas na escola desde a década de 1980, a qualidade do ensino ofertado à população não é nada motivadora, conforme apontam os índices que medem esse critério. Altos índices de evasão e repetência denunciam esse fato.

Se a escolarização não é para todos, o que resta às classes marginalizadas? Quais as formas de sobrevivência nesse sistema?

Muitas políticas públicas e programas educacionais brasileiros têm sido desenvolvidos no sentido de incluir as classes marginalizadas na sociedade. A análise dos sistemas de ensino atuais torna-se fundamental para refletirmos se esta inclusão está acontecendo de fato. Algumas destas políticas parecem dar uma ênfase maior à inclusão para o mercado de trabalho ou à socialização, em detrimento a uma inclusão voltada à emancipação social. Seria esta a única inclusão necessária? Seria este o papel da escola?

Para Martins (1997, p. 26), o que existe atualmente em nossa sociedade é uma inclusão precária, um "(...) ajustamento econômico, social e político decorrentes da exclusão". O autor ressalta que resta a estes sujeitos incluídos marginalmente apenas lugares residuais na sociedade e que o processo que se chama de exclusão cria, atualmente, "(...) uma sociedade paralela que é incluyente do ponto de vista econômico e excludente do ponto de vista social, moral e até político" (MARTINS, 1997, p. 34). Nesta perspectiva, podemos pensar que a escola pode estar contribuindo para formar uma massa de mão-de-obra acrítica, com o objetivo de sustentar a elite social. E podemos concluir que essa massa tem pouca ou quase nenhuma chance de ascender socialmente, visto que as oportunidades dentro da lógica capitalista não são iguais para todas as pessoas.

Com base nesses pressupostos, o objetivo desta pesquisa é compreender qual tem sido o papel da escola na contemporaneidade: incluir ou excluir as classes marginalizadas? Para responder esta pergunta, optamos por ouvir jovens em situação de vulnerabilidade social, os quais evadiram-se do espaço escolar e hoje necessitam da assistência social. A pesquisa visa também conhecer as causas da evasão e os obstáculos à aprendizagem destes sujeitos, além de compreender suas trajetórias de vida e trabalho e a relação destas variáveis com a baixa escolaridade.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A pesquisa utilizará a abordagem etnográfica e a pesquisa bibliográfica. O referencial teórico utilizado refere-se à Psicologia Escolar e Educacional e às Ciências Sociais, numa abordagem interdisciplinar.

Os sujeitos da pesquisa serão selecionados através do cadastro das famílias atendidas no Centro de Referência da Assistência Social - CRAS Leste, no município de Poços de Caldas – MG. A delimitação da amostra terá como critérios de inclusão a situação de vulnerabilidade social, a não conclusão do ensino fundamental, a idade entre 18 e 25 anos, o mesmo número de homens e mulheres, o alcance de todos os bairros atendidos pelo CRAS Leste, e serem sujeitos de famílias distintas. Após a coleta, os dados serão registrados e se procederá à análise das falas dos sujeitos, em constante diálogo com o referencial teórico utilizado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Apesar de estar em andamento, este estudo nos possibilita alguns apontamentos sobre o papel da escola para as classes mais empobrecidas da sociedade, resultado da pesquisa bibliográfica feita até o momento.

Angelucci et al (2004) pesquisaram o estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar na rede pública de ensino fundamental. Os resultados apontam para a presença significativa de pesquisas que concebem o fracasso escolar como fenômeno estritamente individual. Estes estudos responsabilizam ora o aluno, ora o professor pelo fracasso escolar e propõem soluções predominantemente técnicas para eliminar o fracasso, sem uma análise mais ampla da conjuntura social, estando a escola isenta de qualquer responsabilidade sobre o fracasso escolar de seus alunos. A pobreza é vista como a principal causa do insucesso escolar.

As pesquisas de Souza (2006), sobre as políticas educacionais do Estado de São Paulo, mostram que concepções depreciativas e de desqualificação das classes populares aparecem frequentemente em vários documentos oficiais no discurso das políticas públicas. Tais políticas defendem uma concepção de que cabe à escola assumir um lugar ou um papel social já não mais assumido pela família, uma vez que esta não estaria dando conta de assumir a tarefa de educar seus filhos; também de que as crianças se apresentam com tamanhas carências culturais e sociais que a escola só poderá minimizá-las ou contorná-las por meio de suas políticas. Parte-se

do pressuposto da vitimização dessas classes e não do reconhecimento da desigualdade social. Assim, a escola assume o papel da família, e várias políticas propõem inclusive que a escola passe a ser um espaço familiar, apenas de socialização, sendo o conhecimento secundário (SOUZA, 2006).

Lima et al (2014) apontam para um fenômeno em que é produzida uma quantidade cada vez mais alarmante de adolescentes que prosseguem sua trajetória escolar sem saber ler e escrever, sendo os mesmos pertencentes às camadas menos favorecidas da sociedade. Em seus atendimentos a adolescentes encaminhados pela escola por dificuldades de aprendizagem, as autoras encontraram muitos jovens que frequentam as séries finais do Ensino Fundamental que não sabem ler nem escrever. Há também alunos que, mesmo sabendo ler e escrever, não conseguem apropriar-se dos demais conteúdos escolares. Concluem que esse insucesso escolar dos adolescentes desencadeia frequentemente rebeldia, violência, submissão e indisciplina no espaço escolar. Também relatam que muitos dos jovens atendidos não têm um projeto de vida, os sonhos de vida futura não vão muito além da mera sobrevivência e acesso a bens de consumo.

A pesquisa de Caldas e Souza (2014) realça a presença constante dos problemas físicos ou psicológicos como elementos explicativos das dificuldades de aprendizagem na concepção de todos os participantes da pesquisa. As autoras concluem que os atrasos desses alunos “(...) não devem ser entendidos como próprios deles, mas como *atrasos socialmente construídos*” (CALDAS; SOUZA, 2014, p. 23, grifos das autoras). Entendem também que as dificuldades que apresentam no processo de escolarização são o seu passaporte para as classes de recuperação, o que, na realidade, resulta em cristalização de atrasos (CALDAS; SOUZA, 2014).

## CONCLUSÕES

Apesar da pesquisa não ter sido concluída, os estudos analisados até o momento apontam que a escola pública vem exercendo formas sutis de exclusão com relação aos alunos das camadas menos favorecidas da sociedade. Percebe-se que o acesso ao conhecimento tem sido elemento secundário no processo de escolarização destes alunos. A concepção de fracasso escolar como problema do aluno e dos professores, a ênfase na socialização em detrimento ao acesso ao conhecimento, a falta de um projeto de vida no discurso dos adolescentes, podem ser vistos como formas de exclusão que a escola reproduz. Refletir sobre estes

processos de exclusão é fundamental para a transformação do espaço escolar em um espaço a serviço da justiça social e da emancipação das classes marginalizadas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS - o apoio dado ao desenvolvimento dessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELUCCI, Carla B; KALMUS, Jaqueline; PAPARELLI, Renata & PATTO, Maria Helena S. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 51-72, jan./abr. 2004.

CALDAS, Roseli Fernandes Lins; SOUZA, Marilene Proença Rebello. Recuperação escolar: uma análise crítica a partir da Psicologia Escolar. In: **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 18, Número 1, Janeiro/Abril de 2014: 17-25

LIMA, Cárita Portilho; PRADO, Marina Borges e Silva; SOUZA, Beatriz de Paula. Orientação quanto à queixa escolar relativa a adolescentes: especificidades. In: **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 18, Número 1, Janeiro/Abril de 2014: 67-75.

MACHADO E PROENÇA (orgs.). **Psicologia Escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. - (Coleção psicologia e educação).

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997. - (Coleção: Temas de Atualidade).

PATTO, Maria Helena Souza. Prefácio (1995). In: MACHADO E PROENÇA (orgs.). **Psicologia Escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. - (Coleção psicologia e educação), p. 7-12.

PROENÇA, Marilene. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In: MACHADO E PROENÇA (orgs.). **Psicologia Escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. - (Coleção psicologia e educação), p. 19-37.

SOUZA, MPR. Políticas Públicas e Educação: desafios, dilemas e possibilidades. In: Viégas LS, Angelucci CB, org. **Políticas Públicas em Educação & Psicologia Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006. p.229-43.